

Governo pretende captar até US\$ 6 bi no exterior

Recursos servirão para amortizar parcelas da dívida externa

Sheila D' Amorim e Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. O Governo brasileiro deverá captar no ano que vem entre US\$ 4 e US\$ 6 bilhões no mercado financeiro internacional. Os recursos, segundo informou o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Daniel Gleizer, servirão para cobrir os gastos do Governo federal com as amortizações da dívida externa previstas para 2000, que somam US\$ 3,9 bilhões.

Além disso, o BC pretende estimular o ingresso de novos recursos estrangeiros, permitindo que os investidores tenham maior flexibilidade para migrar de uma aplicação para outra depois de ingressarem no país. A idéia é de que os aplicadores que vêm investir nas bolsas de valores, por exemplo, possam mudar para

fundos de renda fixa sem ter que deixar o mercado.

O que vai determinar o volume exato das captações do Governo brasileiro, de acordo com o diretor, vai ser o comportamento do mercado de câmbio interno. Se houver necessidade de o Governo reforçar o caixa das reservas internacionais, o lançamento deverá se aproximar mais dos US\$ 6 bilhões do que dos US\$ 4 bilhões. Esses valores não incluem as operações de troca de dívida externa que possam ser realizadas pelo país.

País tem rombo de US\$ 25 bilhões nas contas externas

Para o diretor, o volume de captações que o Governo pretende fazer num determinado ano é um sinalizador importante para o investidor que vai comprar esse títulos, porque ele poderá avaliar qual será o

potencial de negociação dos títulos após o lançamento.

Isso deverá ajudar o país não só a atrair mais compradores para os papéis, como também melhorar o custo das operações.

Como o Brasil tem um rombo de US\$ 25 bilhões nas suas contas com o exterior, é preciso garantir um fluxo constante de recursos estrangeiros para financiar o déficit.

Ao mesmo tempo que precisa dos recursos, o Banco Central quer garantir que o dinheiro que ingressa no país seja de melhor qualidade, evitando o capital puramente especulativo, que só vem interessado pelas altas taxas de juros e foge ao primeiro sinal de instabilidade da economia. Até agora, isso só contribuiu para reforçar a volatilidade dos mercados nacionais nos momentos de crise. ■

22 DEZ 1999